

LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO: DIÁLOGOS A PARTIR DA LITERATURA DE TESTEMUNHO COMO PRÁXIS DE RESISTÊNCIA

LITERARY LITERACY AND READER TRAINING IN EDUCATION: DIALOGUES BASED ON TESTIMONY LITERATURE AS A PRACTICE OF RESISTANCE

DOI: 10.70860/ufnt.entreletras.e19971

César Alessandro Sagrillo Figueiredo¹

João Paulo Costa Alves²

Resumo: Este artigo analisa a contribuição da Literatura de Testemunho nas práticas de letramento literário e formação de leitores no Curso de Letras, a partir das convergências do aporte Testemunhal e da Literatura de Resistência. Temos como recorte o período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) acerca da Guerrilha do Araguaia (1972-1975). Para a efetivação da pesquisa, utilizamos como metodologia a abordagem qualitativa através da práxis da pesquisa-ação. No tocante aos resultados, indicamos que o letramento literário por meio da Literatura de Testemunho é vital para a formação de leitores críticos e engajados.

Palavras-chave: Literatura de testemunho; Resistência; Letramento literário; Formação de leitor; Ensino Superior.

Abstract: This article analyzes the contribution of Testimonial Literature to the practices of literary literacy and reader training in the Literature Course, based on the convergences of the Testimonial contribution and Resistance Literature. Our study focuses on books related to Brazilian civil-military dictatorship (1964-1985). For the research, we used qualitative approach through action research. Regarding the results, we indicate that literary literacy through Testimonial Literature is vital for the formation of critical and engaged readers.

Keywords: Testimonial literature; Resistance; Literary literacy; Reader training; Higher level.

Introdução

No cenário educacional contemporâneo, a leitura e a literatura assumem papéis centrais não apenas na formação do indivíduo, mas também na capacitação de futuros educadores. A reflexão sobre a prática da sala de aula pode ser modificada e aprimorada ao se aprofundar nesses conceitos. O letramento literário, em particular, é compreendido não como uma

¹ Doutor em Ciências Políticas e pós-doutor em literatura, docente da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT/UFNT) e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: cesar.figueiredo@ufnt.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6011-9527>.

² Doutorando em Linguística e Literatura pelo PPGLLIT da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: professor.joapaulo@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0009-0000-5937-2958>.

habilidade que se adquire pontualmente, mas como um estado permanente de transformação, uma ação continuada que acompanha o sujeito por toda a vida, renovando-se a cada leitura significativa (Boberg; Stopa, 2012), sendo, portanto, essa apropriação literária como elemento crucial para a formação do leitor.

A importância do letramento literário se destaca especialmente na formação do futuro professor, notadamente nos cursos de Letras, haja vista que formar um professor que seja, de fato, um leitor literário significa capacitar alguém que saiba escolher suas leituras, apreciar as construções artísticas da linguagem e integrar isso à sua vida (Moura; Souza; Silva, 2016). Logo, é fundamental que o professor possa promover uma prática de leitura literária significativa para os alunos e para a comunidade em que estão inseridos.

Em um panorama social e educacional, observa-se que o ensino da literatura e a formação de leitores enfrentam desafios, uma vez que, em alguns contextos, a leitura literária foi diluída no conceito mais amplo de “apenas leitura”. Atualmente, a ênfase recai na leitura de textos curtos e variados, alinhados à diversidade de gêneros textuais presentes no livro didático, o que, segundo Buccini e Machado (2022), distancia-se cada vez mais do letramento literário. Além disso, com a implantação de itinerários formativos, a literatura acabou perdendo espaço no âmbito escolar. Isso posto, muitas vezes a prática de leitura na escola se centra em habilidades mecânicas de decodificação, utilizando o texto apenas como pretexto ou para fins avaliativos. Também, outro desafio notado por Buccini e Machado (2022), é a pouca abordagem direta da relação entre práticas de letramento e formação docente universitária, prevalecendo orientações técnicas com vista a instrumentalizar o futuro professor para o exercício docente.

Para este artigo, faremos um diálogo a partir da Literatura de Testemunho³ como aporte para o ato de letramento literário e formação de leitor. Também cumpre enfatizar que dentro desses imbricamentos e convergências, trazemos à lume obras que vislumbram resistências e

³ De acordo com a teoria evidenciada acerca do testemunho, enfatizamos que Seligmann-Silva trabalha Literatura de Testemunho como sendo uma face da literatura, não como gênero. Conforme transcrição: “ao invés de se falar em “literatura de Testemunho”, que não é um gênero, percebemos agora uma face da literatura que vem à tona na nossa época de catástrofes e que faz com que toda a história da literatura – após duzentos anos de auto-referência – seja revista a partir dos questionamentos da sua relação e do seu compromisso com o “real” (Seligman-Silva, 2005, p. 15). Não obstante as contribuições, consideramos que se torna necessário uma melhor definição pelos demais pesquisadores em virtude da farta produção sobre o tema, haja vista não fora aprofundada pelo autor supracitado a distinção entre gênero e face dessa seara literária nos seus textos subsequentes. Salientamos, ainda, que alguns autores quando definem como “gênero” a Literatura de Testemunho explicitam com aspas, justamente para caracterizar a sua formação, distinção, características e genealogia. Para maiores estudos e apropriações teóricas, indicamos os seguintes textos: 1) *Literatura de Testemunho e Violência de Estado* (Marco, 2004); 2) *O que é Literatura de Testemunho?* (Salgueiro, 2012); 3) *Literatura do testemunho: a literatura da era das catástrofes* (Figueiredo, 2020).

insurgências, conforme análise esboçada teoricamente por Seligmann-Silva (2003) e Salgueiro (2012), sobretudo em diálogo com livros que revelam traumas coletivos e violências políticas em cenários irruptivos de ditadura e adversidades políticas.

Conforme autores supracitados, esses textos dão voz aos silenciados, rompendo o apagamento da memória histórica, pois trabalham com a dor vivida para produzir consciência crítica: como gestos éticos de lembrar e resistir. A partir desse mirada, compreendemos que a articulação entre o letramento literário e os livros da Literatura de Testemunho, que enfocam a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) através do recorte da Guerrilha do Araguaia⁴ (1972-1975), tem um papel fundamental na formação crítica dos leitores e na preservação da memória histórica.

Segundo Souza (2015), o letramento literário, ao ultrapassar a simples leitura instrumental, permite que os indivíduos se aproximem das obras literárias como espaços de reflexão estética, ética e política. Quando os textos abordam episódios de repressão, censura e violência institucional, como ocorreu no Araguaia, eles se transformam em potentes instrumentos de empatia histórica e compreensão das múltiplas vozes silenciadas pelo regime autoritário. Portanto, ler esses livros é também um exercício de cidadania, pois fortalece a consciência sobre os direitos humanos, a democracia e a importância de resistir a qualquer forma de apagamento da história.

Isso posto, ao trabalharmos com essas obras⁵, constatamos que o seu acionamento atua como registros de memória e denúncia, revelando episódios muitas vezes omitidos dos currículos escolares e do debate público. No contexto amazônico, em especial, elas resgatam as vivências de camponeses, indígenas e militantes perseguidos, contribuindo para a valorização das identidades regionais e para a justiça social. Dessa forma, justificamos que ao serem trabalhadas em sala de aula, com mediação crítica e sensível, promovem o despertar de um

⁴ Guerrilha do Araguaia (1972-1975) foi evento político ocorrido durante a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) no Norte do Brasil, mais precisamente no entorno do Bico do Papagaio, região que compreende, respectivamente o sudeste do Pará, o norte do Tocantins e o sudoeste do Maranhão. Tornou-se um embate político armado de grandes proporções capitaneado pelos guerrilheiros do PCdoB em confronto direto com as Forças Armadas brasileiras, redundando em um número muito grande de presos, mortos e desaparecidos políticos em face da magnitude do evento e, sobretudo, da violência desmedida do Estado brasileiro no combate aos guerrilheiros e aos camponeses que aderiram à luta (Figueiredo, 2022).

⁵ Sobre as obras trabalhadas durante o percurso de pesquisa, demos prioridade aos livros que dialogam sobremaneira com a teoria esboçada e priorizando o testemunho em primeira pessoa, igualmente, as memórias de segunda geração, entre o elenco de livros destacamos: 1) *Araguaia: relato de um guerrilheiro* (Sá, 1990); 2) *Antes do Passado: o silêncio que vem do Araguaia* (Brum, 2012) *Maurício Grabois: meu Pai.* (Grabois, 2012); 4) *Memórias do Araguaia: depoimento de um ex-guerrilheiro.* (Costa, 2018); 5) *Diário do Araguaia* (Wisneky, 2019).

pensamento autônomo, ético e comprometido com o presente. Logo, o letramento literário visando à formação de leitores críticos deixa de ser apenas uma prática escolar e passa a constituir um movimento social de resistência, memória e transformação. Ainda, registramos que a relevância deste estudo reside em contribuir para a reflexão sobre o tema, explorando a interação entre letramento, literatura, formação docente em Letras, assim como as diretrizes curriculares e cidadania, conforme preconizadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018).

A problematização deste estudo consiste em refletir sobre o papel do letramento literário na formação leitora dos discentes do curso de Letras, a partir da leitura de obras que abordam testemunhos de resistência política. Nesse contexto, o objetivo principal é analisar o potencial formativo do letramento literário na constituição de professores de Letras, tendo como eixo central a Literatura de Testemunho produzida no contexto da ditadura civil-militar brasileira, com ênfase na Guerrilha do Araguaia. Busca-se, assim, investigar de que maneira essas obras podem contribuir para a formação de leitores críticos, conscientes e socialmente engajados, capazes de integrar a leitura literária à prática pedagógica de forma ética e transformadora.

Para alcançar esse propósito, visamos como aporte uma abordagem metodológica fundamentada na pesquisa-ação, com a realização de oficinas formativas com acadêmicos do curso de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA) durante o segundo semestre de 2024. As oficinas foram estruturadas em etapas que envolveram discussões orientadas, análises críticas e Círculos de Leituras de obras configuradas como chaves testemunhais no campo da literatura e da resistência, além de atividades de registro reflexivo. Os procedimentos metodológicos empregados promoveram a articulação entre teoria e prática, conforme os princípios da práxis pedagógica freireana.

No que se refere à operacionalização e ao percurso metodológico adotado, a pesquisa pautou-se na articulação entre investigação teórica e intervenção pedagógica, por meio da implementação de práticas de leitura literária orientadas, com vistas ao fomento da Literatura de Testemunho no contexto da sala de aula. Concomitantemente, buscou-se analisar os efeitos dessas práticas na formação do leitor e no desenvolvimento do letramento literário. Quanto ao universo da pesquisa e aos sujeitos participantes, estes foram constituídos pelos estudantes a partir do 4º semestre diretamente envolvidos nas atividades propostas, bem como pelos

docentes responsáveis pelo acompanhamento pedagógico e metodológico do projeto⁶ desenvolvido.

1 Letramento, Letramento Literário e Formação de Leitor: aportes teóricos para discussões das práxis em sala de aula

O ato de ler é um ato da sensibilidade com o da inteligência, de compreensão e de comunhão com o mundo; lendo, expandimos o estar no mundo, alcançamos esferas do conhecimento antes não experimentadas. [...] Ler significa descortinar, mudar de horizontes, interagir com o real, interpretá-lo, compreendê-lo e decidir sobre ele. Desde o início a leitura deve contar com o leitor, sua contribuição ao texto, sua observação ao contexto, sua percepção do entorno. O prazer de ler é também uma descoberta (Yunes, 1995, p. 185-186).

A concepção de leitura que fundamenta este estudo vai além da mera decodificação de signos linguísticos. Compreendemos que ler é um processo complexo de construção de significados, no qual o leitor ativa seus conhecimentos prévios, elabora hipóteses, as reelabora e corrige, até alcançar a construção de sentidos. Trata-se de um diálogo entre leitor e texto, uma interação fundamental entre a estrutura da obra e seu receptor (Soares, 2007; Cosson, 2014). Assim, entendemos que o texto literário tem o potencial de provocar inúmeras representações no leitor.

A leitura é uma prática social, situada historicamente, que envolve muito mais do que a simples decodificação de palavras. Ela é, sobretudo, um processo de construção de sentidos, que se realiza na interação entre o leitor, o texto e o contexto sociocultural em que esse texto circula. O significado não está apenas no texto, mas é construído do leitor a partir de seus conhecimentos prévios, valores e expectativas (Kleiman, 2014, p. 15).

Ou seja, a leitura é intrinsecamente uma prática social, uma vez que ela ocorre em contextos e com objetivos específicos, fazendo com que a produção de sentidos esteja sempre ligada aos contextos de produção e recepção. Nessa perspectiva, consideramos que o leitor não é passivo, pois ele realiza um trabalho produtivo, reescreve, altera o sentido, distorce, reemprega, introduz variantes. Portanto, dar sentido a um texto implica levar em conta a situação do texto e de seu leitor, sobretudo se essa noção de texto se amplia para englobar diferentes linguagens (Souza, 2015).

⁶ O projeto de pesquisa possui como título “Literatura Testemunhal no norte do Brasil e a Guerrilha do Araguaia: formação do leitor e letramento literário aplicados a acadêmicos de letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Belém”.

Como prática formativa, consideramos que a leitura é fundamental para a compreensão do mundo atual, pois permite a formação de leitores críticos e autônomos. Cada leitura tem uma parte constitutiva de subjetividade, na qual o sujeito projeta um pouco de si, tornando a relação com a obra um grande diálogo consigo mesmo: ler é a oportunidade de encontrar um conhecido (Silva; Pan, 2022).

Segundo Lima (2023, p. 348), a leitura, mais do que uma habilidade técnica ou uma atividade analítica, configura-se como uma prática cultural e afetiva profundamente enraizada na experiência subjetiva do leitor, visto que transmitir a leitura, nesse sentido, não se limita à decodificação textual ou à análise estrutural, mas implica uma “contaminação do pathos”, melhor dito, um movimento vivo de descoberta que parte do que está em atividade no sujeito. Logo, inspiradas nessa perspectiva, novas propostas didáticas, que propõem um percurso que inicia na relação pessoal com o texto, passa pelo confronto com seus elementos objetivos e culmina na reflexão sobre as próprias reações subjetivas. Corroborando com essa abordagem, Colomer (2007) destaca a importância do compartilhamento das leituras no espaço escolar, promovendo a troca afetiva e interpretativa entre alunos e professores.

A prática com estudantes de licenciatura, por sua vez, evidencia os desafios dessa concepção. Segundo Lima (2023), ao elaborar projetos de leitura, os alunos muitas vezes revelam dificuldade em articular suas vivências leitoras com os referenciais teóricos e a prática docente, optando frequentemente por obras consagradas e evitando enfrentar a dimensão subjetiva da leitura, essencial à formação de leitores críticos e sensíveis. Dessa forma, compreendemos que o sentido de um texto se dá como um efeito das relações entre autor, texto e leitor, precisamente, das atividades desenvolvidas por eles.

Nessa mirada, trazemos à lume o conceito de letramento e formação de leitor como elemento central para pensarmos o uso social da leitura e da escrita com o nosso tema de trabalho. De acordo com Souza (2015), letramento é o conjunto de práticas sociais mediadas pela leitura e/ou pela escrita, sendo que são práticas de letramento plurais e a elaboração de sentidos está sempre ligada aos contextos de produção e de recepção. Portanto, o letramento transcende a pura codificação e decodificação, implicando que o indivíduo se aproprie da leitura e da escrita enquanto práticas sociais. Para uma melhor amplitude dos conceitos de letramento e a sua ênfase no letramento literário, indicamos o seguinte:

O letramento literário faz parte dessa expansão do uso do termo letramento, isto é, integra o plural dos letramentos, sendo um dos usos sociais da escrita. Todavia, ao contrário dos outros letramentos e do emprego mais largo da palavra para designar a

construção de sentido em uma determinada área de atividade ou conhecimento, o letramento literário tem uma relação diferenciada com a escrita e, por consequência, é um tipo de letramento singular [...] porque a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem (Souza; Cosson, s/d, p. 102)

O conceito de letramento literário refere-se ao conjunto de práticas sociais que utilizam a escrita literária, cujo traço distintivo é o seu caráter ficcional (Cosson, 2014; Silva, Pan, 2022). É, segundo Cosson (2014), um estado permanente de transformação, uma ação continuada que não se adquire como uma habilidade simples e que acompanha o leitor por toda a vida. O leitor literário se distingue do leitor comum. Para que uma leitura se especifique como leitura literária, é consensual que o leitor seja capaz de ocupar a posição semiótica de destinatário do texto, refazendo os processos autorais de invenção que produzem o efeito de fingimento. O leitor literário sabe escolher suas leituras, aprecia as construções artísticas, utiliza estratégias adequadas, aceita o pacto ficcional, reconhece marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade e interdiscursividade, recupera a criação de linguagem e situa o texto historicamente.

A leitura literária propõe uma experiência estética única, em que o leitor precisa se deslocar de sua posição de simples receptor passivo e assumir um papel ativo na construção de significados. Isso envolve compreender o jogo ficcional, interpretar metáforas, perceber a intertextualidade e relacionar a obra com seus próprios repertórios culturais. A leitura do texto literário é, portanto, um exercício de autoria interpretativa (Cosson, 2014, p. 25).

Buscando enfatizar a importância do letramento literário com vista a formação de leitores, trazemos essas discussões teóricas para a nossa pesquisa dentro do espaço universitário. Para tanto, Silva e Pan (2022) enfatizam que no contexto do ensino superior o letramento se manifesta nas práticas de leitura e escrita específicas desse ambiente. Nesse cenário, compreendemos a universidade como um lócus particular que cria e utiliza formas enunciativas relativamente institucionalizadas, nas quais as práticas e uso da língua nesse espaço são instrumentalizadas pelo campo simbólico em que os enunciados circulam.

Focando nesse universo, Silva e Pan (2022) realizaram uma revisão de literatura brasileira sobre a formação de professores universitários e sua relação com as práticas de letramento, analisando 20 estudos de 2013 a 2019. A pesquisa revelou que há poucos estudos focados diretamente nesta relação, com a maioria concentrando-se na formação de professores para a educação básica, especialmente nos cursos de Letras. Conforme análise, predominam abordagens técnico-procedimentais para melhorar a leitura e a escrita, mas o

estudo argumenta pela necessidade de uma concepção discursiva da linguagem e um olhar interdisciplinar para abordar a complexidade do letramento literário na formação docente no ensino superior, considerando o contexto social e institucional da universidade.

Nesse sentido, acreditamos ser de fundamental importância estudos que realizam metodologias diferenciadas de pesquisa no cenário universitário, sobretudo estimulando um repertório de pesquisa e bibliografia para além do cânone beletrista tradicional. Mediante essa empreitada, trazemos à baila reflexões que venham a suprir essas lacunas, construindo expertise por meio da Literatura de Testemunho e a práxis pedagógicas com vista a instrumentalizar os alunos para o trabalho em sala de aula – precisamente no campo da memória, resistência e outros repertórios que os acadêmicos do curso de letras possam se identificar a partir do seu cotidiano através da literatura.

2 Literatura de Testemunho: convergências, resistência e campos de diálogos insurgentes

A literatura é amplamente reconhecida como a arte da palavra, pois escrever literatura é, na maioria das vezes, um ato deliberadamente estético, que requer competência técnico-artística. Ela se distingue de outros tipos de texto por sua linguagem simbólica, o uso da conotação, metáfora e alegoria (Reis, 2013; Proença Filho; 1990). Nesse sentido, o texto literário ultrapassa a função meramente referencial, pois incorpora uma dimensão expressiva responsável que revela o tom e a postura do escritor.

A experiência estética é um componente fundamental da literatura. Iser (1996) descreve a obra literária como possuindo dois polos: o 1) artístico, que é o texto criado pelo autor, e 2) o estético, que é a concretização produzida pelo leitor. A obra se realiza na convergência desses polos, no encontro do texto com o leitor. A análise literária, quando bem feita, não destrói a magia da obra, mas permite que o leitor a compreenda e penetre nela com mais intensidade. Ou seja, o segredo da literatura reside no envolvimento único que ela proporciona em um mundo feito de palavras. Logo, a fim de embasarmos sobre a importância da literatura, cumpre explicitar os apontamentos diretamente da Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

Crítica: refere-se às impressões que impulsionam os sujeitos em direção a novas compreensões do espaço em que vivem, com base no estabelecimento de relações, por meio do estudo e da pesquisa, entre as diversas experiências e manifestações artísticas e culturais vividas e conhecidas. Essa dimensão articula ação e pensamento propositivos, envolvendo aspectos estéticos, políticos, históricos, filosóficos, sociais, econômicos e culturais.

Reflexão: refere-se ao processo de construir argumentos e ponderações sobre as fruições, as experiências e os processos criativos, artísticos e culturais. É a atitude de

perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador, seja como leitor (Brasil, 2018, p. 194-195).

Ressalta-se que a BNCC é um documento normativo que define os direitos de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes na educação básica em todo o Brasil, dando, por conseguinte, orientações para o currículo escolar, assim como visando à equidade e qualidade no ensino. No campo do letramento literário e formação de leitor, a BNCC destaca a importância da leitura de obras literárias desde os primeiros anos escolares. Assim, promove a formação de leitores críticos, sensíveis e capazes de interpretar o mundo por meio da literatura.

Buscando o diálogo com as obras trabalhadas, conforme já evidenciamos, optamos pela Literatura de Testemunho como aporte para o exercício em sala de aula. Destacamos que essas obras, ao abordarem experiências reais de dor, resistência e apagamento histórico, favorecem uma leitura crítica e reflexiva que ultrapassa a decodificação textual e alcança a interpretação histórica, ética e estética. Assim, contribuem decisivamente para a formação de leitores literários conscientes, capazes de dialogar com o passado a partir das vozes daqueles que viveram, perderam ou sobreviveram à repressão política do período ditatorial. No tocante a definição sobre Literatura de Testemunho, temos a seguinte acepção proposta do Salgueiro:

Há, em suma, inúmeras modalidades de testemunho, seja em relação a situações, eventos, períodos (Shoah, Gulag, genocídios, guerras, ditaduras, tortura, miséria, opressão etc.), seja em relação a formas de expressão do testemunho (memória, romance, filme, depoimento, poema, quadrinhos, canções etc.). Sendo “Gulag” um acrônimo do russo *Glavnoie Upravlenie Lagueri* (Direção Geral dos Campos), nunca é demais precisar que Shoah (devastação, catástrofe) difere de Holocausto (“todo queimado”), termo que implica alguma positividade, de sacrifício para deus (Salgueiro, 2012, p. 286).

Essa produção literária, fundamentalmente, atua como elo entre literatura e história, pois oferece ao leitor o contato com diferentes gêneros – do romance testemunhal à biografia, da reportagem ao diário – e múltiplas perspectivas sobre a violência estatal. Por isso, ao serem integradas ao ensino literário, promovem não apenas o desenvolvimento de competências de leitura, mas também a valorização da memória coletiva e da pluralidade de vozes. O leitor é, então, instigado a posicionar-se criticamente diante dos textos, exercendo uma leitura engajada, que é central para o letramento literário (Cosson, 2014; Zilberman, 2012).

Ainda, à luz dos apontamento de Salgueiro (2012, p. 291-292), enfatizamos que a Literatura de Testemunho pode comportar as seguintes caracterizações, conforme enunciado pelo autor supracitado: 1) registro em primeira pessoa; 2) um compromisso com a sinceridade

do relato; 3) desejo de justiça; 4) vontade de resistência; 5) abalo da hegemonia do valor estético sobre o valor ético; 6) apresentação de um evento coletivo; 7) presença do trauma; 8) rancor e ressentimento; 9) vínculo estreito com a história; 10) sentimento de vergonha pelas humilhações e pela animalização sofrida; 11) sentimento de culpa por ter sobrevivido; e, 12) impossibilidade de reapresentação do vivido/sofrido.

No que se refere à Literatura de Resistência, com vista a um diálogo plural sobre o nosso corpus bibliográfico sugerido para ser trabalhado, conforme discutido por Bosi (2002), manifesta-se como uma resposta estética e política a contextos de opressão, utilizando a palavra como instrumento de denúncia, crítica social e enfrentamento à violência do Estado. Essa produção literária é marcada por forte conteúdo simbólico e emocional, pois busca não apenas representar, mas também provocar o leitor a refletir sobre desigualdades, censura e injustiças (Marco, 2004). Por meio de exemplos como as obras sobre a ditadura militar brasileira, evidencia-se como a literatura pode agir como forma de resistência ativa frente à repressão institucionalizada. Segundo Bosi:

resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. (...) essa interação é garantia da vitalidade mesma das esferas artística e teórica (Bosi, 2002, p. 11-13) [...] Por 'resistência' queremos dizer a atitude de uma individualidade ou de uma coletividade em contextos de tensão social, que ideologias dominantes são confrontadas por pensamentos e atitudes contraideológicos [...] no processo criativo da construção literária, 'fios subterrâneos poderosos' seriam responsáveis pela articulação inteligível entre elementos éticos e estéticos da obra. [...] Essa tensão [...] é o que 'as faz resistentes [as obras], enquanto escrita, e não só, ou não principalmente, enquanto tema' (Bosi, 2002, p. 119-129).

Nesses diálogos, enfatizamos que tanto a Literatura de Resistência quanto a Literatura de Testemunho compartilham a missão de preservar a memória histórica e denunciar a violência estatal, cada uma com seus próprios recursos narrativos. Em linhas gerais, não querendo esgotar as distinções e aproximações teóricas, enfatizamos que enquanto a primeira pode se valer da metáfora e da crítica velada para sobreviver à censura, a segunda aposta na exposição direta dos fatos como forma de justiça e reparação por meio dos testemunhos. Ainda procurando convergências, conforme defendem Marco (2004), Seligmann-Silva (2003) e Salgueiro (2012), essas literaturas cumprem um papel essencial na formação da consciência crítica e na construção de uma sociedade mais democrática e comprometida com os direitos humanos.

No tocante à gênese da Literatura de Testemunho no Brasil, realçamos que seu percurso formativo iniciou a partir do final dos anos 1970, quando os primeiros ventos liberalizantes após a abertura política permitiram a publicação de obras que versavam sobre o período da luta

armada, prisão e outras arbitrariedades cometidas durante o período militar. Eram publicações pujantes que focavam, sobretudo no trauma como força narrativa, pois evidenciavam toda a violência estatal ao longo da ditadura militar. O conjunto de publicações iniciou de forma tímida, justamente em face da censura vigilante e ostensiva, mas explodiu em vendagem a partir dos anos 1980 após a Anistia Política (Brasil, 1979), tornando-se uma das faces/gênero mais robusta da literatura de Testemunho brasileira, conforme podemos nos embasar na citação abaixo:

Composto por obras de militantes revolucionários que, após serem presos e torturados, resolvem relatar suas experiências, constituindo assim uma verdadeira literatura do Testemunho: dentre estas, merecem destaque *Em Câmera Lenta*, de R. Tapajós (1977), e *O Que é Isso Companheiro*, de F Gabeira (1979) (Franco, 2003, p. 360).

A partir do exposto e buscando alinhamento com as obras literárias que podem ser analisadas em sala de aula, grifamos que ao longo de cinco décadas, após a eclosão e aniquilação da Guerrilha do Araguaia, houve uma profusão de publicações sobre o tema. Ou seja, conforme pesquisa realizada, há um manancial bibliográfico extremamente rico e que pode servir como instrumento didático.

No desenvolvimento do projeto de pesquisa realizado com os alunos dos períodos intermediários e finais do curso de Letras, de acordo com o desenho metodológico enfatizado na introdução, entre os diversos materiais trabalhados, utilizamos o elucidativo artigo *A Guerrilha do Araguaia: recepção crítica num percurso histórico* (Alves; Figueiredo, 2025), em que os autores apontam um amplo painel de obras que podem ser enquadradas como constitutivas do espectro temático da Literatura de Testemunho e que focam diretamente no massacre guerrilheiro e camponês⁷. Dentre esses livros, elencam uma vasta bibliografia que percorre desde memórias dos militantes políticos sobreviventes em primeira pessoa, com aprofundados relatos de prisão e tortura, até mais recentemente, memórias de segunda geração de familiares que escrevem sobre seus parentes que se encontram como desaparecidos políticos e, conseqüentemente, enfatizam todo o drama vivido por essas famílias na busca de seus entes queridos.

Portanto, podemos capturar para a sala de aula esse amplo painel de obras, assim como outros estudos concernentes, que podem ser instrumentalizadas para fortalecer a formação do

⁷ Sublinhamos que os autores identificaram 60 obras com gêneros variados sob o foco da Guerrilha do Araguaia, portanto, podendo servir como aporte e indicativo para leituras e pesquisas de referencial bibliográfico acerca da guerrilha (Alves; Figueiredo, 2025).

leitor crítico no curso de Letras mediante a leitura dos livros indicados sobre o tema. Importante salientar que a abordagem a ser estimulada em sala de aula, mediante seleção de livros, visa percorrer um caminho entre a leitura literária e a contextualização histórica das obras, por conseguinte, promovendo atividades que vão além da análise formal do texto, envolvendo o aluno em processos de leitura crítica, interpretação comparativa e produção de textos argumentativos.

Com base nas obras temáticas, observa-se que a literatura desempenha um papel fundamental na preservação da memória coletiva, sobretudo em contextos de repressão e silenciamento. Nesse sentido, também podemos definir que esses livros podem contribuir como instrumento em conjunto das “políticas públicas de memória”, pois são referências bibliográficas que focam na resistência, denúncia e construção de sentidos históricos e sociais (Figueiredo, 2024). A produção literária sobre a Guerrilha do Araguaia, por conseguinte, revela múltiplas vozes que resistem ao esquecimento e reconstróem a história sob outras perspectivas. Essas narrativas permitem um diálogo entre o passado e o presente, estimulando a reflexão crítica sobre a democracia e os direitos humanos, assim como colaboram para a formação de leitores conscientes e engajados.

Nesse sentido, apresentamos excertos das obras analisadas, os quais evidenciam os aportes teórico-metodológicos e a dinâmica das atividades desenvolvidas, além de funcionarem como referências orientadoras para os diálogos e práticas realizadas em sala de aula:

Aquele local-símbolo da presença do exército no Araguaia não tinha nenhum rastro. Nada que fora os anos iniciais da década 70: base militar de onde partiam e onde aterrissavam helicópteros e aviões, armamentos, soldados e generais, local de interrogatório, surras, execuções e de “buracos” – os poços abertos para depositar camponeses vivos, até o dia que resolvessem falar o que sabiam sobre os paulistas. Mas e se não soubessem nada? Mais surra – ou “taca”, na linguagem da região (Brum, 2012, p. 160).

De acordo com o trecho citado, destacamos que são transcrições do livro de Liliane Haag Brum, pesquisadora que sem embrenhou na região amazônica nos anos 2000 com vista a buscar informações do seu tio Cilon, guerrilheiro e desaparecido político nos embates da Guerrilha do Araguaia. Mediante citação do livro, mobilizamos em sala de aula algumas questões extremamente pertinentes e, do mesmo modo, refletimos durante os Círculo de Leitura sobre a fragilidade da democracia no Brasil recente, por exemplo, enfocando os seguintes pontos a serem trabalhados: 1) desaparecidos políticos, 2) dores familiares, 3) traumas e sequelas advindos da tortura, igualmente, 4) discussões sobre direitos humanos.

Ainda, durante o percurso gerativo da pesquisa em sala de aula, debatemos acerca da importância da Literatura de Testemunho e o quanto ela pode mobilizar essas questões norteadoras, sobretudo enfocando sobre memória, história, regionalidade e os seus personagens. Além disso, destacamos nas discussões os embates que ocorreram entre as Forças Armadas e o ínfimo poderio militar dos guerrilheiros, do mesmo modo, estendemos as discussões acerca da violência estatal desferida para os camponeses, sendo todos afetados sem distinção pela situação de guerra instaurada no norte do Brasil (Figueiredo; Gomes, 2020).

Nessa mirada, não podemos esquecer que também podemos pensar essa produção literária como ponto de convergência de uma abordagem decolonial⁸, na medida em que ela busca desestabilizar as narrativas oficiais construídas pelo Estado e pelas instituições dominantes, que historicamente invisibilizaram as experiências das vítimas da repressão. Segundo Mignolo e Walsh (2018), a perspectiva decolonial propõe um deslocamento epistemológico que valoriza os saberes marginalizados e questiona os monopólios ocidentais de produção de conhecimento.

Em síntese, ao dar voz aos camponeses, guerrilheiros, familiares de desaparecidos e a outros sujeitos historicamente silenciados, essas obras literárias promovem o que Quijano (2005) denomina de “descolonização do poder e do saber”. A resistência literária por meio da Literatura de Testemunho, portanto, ao desafiar os discursos hegemônicos, dialoga com os princípios da decolonialidade, pois propõe outras formas de narrar a história, priorizando as experiências locais, a memória coletiva dos oprimidos, os massacres indígenas durante a Guerrilha do Araguaia e outras subjetividades silenciadas. À luz das reflexões de Maldonado-Torres (2022), o pensamento decolonial pode ser compreendido como um projeto ético-político orientado pela afirmação da vida e a dignidade dos sujeitos historicamente subalternizados, perspectiva que se articula ao horizonte ético da literatura de resistência e testemunho.

3 Universo da Pesquisa e o uso da Literatura de Testemunho: refletindo sobre a práxis pedagógica

⁸ No tocante aos diálogos insurgentes no campo da literatura, embora saibamos que pode ser evidenciado abordagens distintas, trazemos à lume discussões sobre a Literatura de Testemunho tramada com outras searas como a Literatura de Resistência e a Literatura Decolonial, a exemplo do construto teórico de Deleuze e Guattari (1995), que de modo rizomático, perseguem uma construção teórica plural e que não se esgota de maneira hierarquizada. Isso posto, ao invés de refletir essas searas como epistemologias estanques, convidamos à compreensão dos pontos de convergência, na medida que possamos discutir sobre memória, testemunho e demais formas de resistências. Para maiores debates sobre as proximidades desses campos literários, indicamos a leitura do livro *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico* (Seligmann-Silva, 2022), em que o autor trabalha com a Teoria do Testemunho e Decolonialidade.

O Curso de Letras, por sua natureza e compromisso social, ocupa um lugar central na formação de leitores críticos e, sobretudo, de docentes que compreendam a leitura literária como um ato social, político e cultural. É nesse espaço formativo que os futuros professores devem, ao mesmo tempo, ampliar sua experiência leitora e adquirir os fundamentos teórico-metodológicos necessários para a mediação da leitura literária em suas práticas profissionais futuras (Silva; Pan, 2022; Buccini; Machado, 2022). A universidade, nesse sentido, não apenas forma leitores, mas forja mediadores culturais capazes de articular o texto literário às múltiplas realidades do mundo contemporâneo.

Ao discutir as estratégias para o letramento literário e formação de leitor, é essencial distinguir conceitos muitas vezes usados de forma imprecisa, assim como método, metodologia, técnica e práxis pedagógica. Mediante estudo, devemos compreender que a práxis pedagógica transcende a mera execução de métodos e técnicas, pois ela articula teoria e prática de forma crítica, dialética e transformadora, como já conceituado por Freire (1996, p.32), conforme transcrição: “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no corpo do outro como se encontrassem na própria experiência existencial dos sujeitos sociais históricos a quem, enquanto educadores, nos cabe formar.” Essa citação reforça a ideia de que a práxis docente envolve reflexão crítica e ação permanente de modo dialético, superando a visão de ensino como mera transmissão de conteúdo.

No contexto das experiências vivenciadas na Universidade Federal do Pará (UFPA) ao longo da pesquisa empreendida no curso de Licenciatura em Letras, de acordo com o explicitado na introdução, destacamos que dentre as várias práxis desenvolvidas, o Círculo de Leitura tem sido trabalhado como uma metodologia de ensino-aprendizagem com aproveitamento pedagógico. Tal metodologia se aquilata, pois articula técnicas de mediação, instrumentos de registro e estratégias de avaliação formativa, constituindo-se como uma práxis que integra leitura, reflexão crítica e produção de sentido.

um círculo de leitura é uma estratégia didática privilegiada de letramento literário porque, além de estreitar laços sociais, reforçar identidades e solidariedade entre os participantes, possui um caráter formativo essencial ao desenvolvimento da competência literária, possibilitando, o compartilhamento da obra lida por grupos de alunos, a ampliação das interpretações individuais (Cosson, 2023, p. 9).

Nessa mirada, ao tratar da formação do leitor literário, Cosson define o Círculo de Leitura como uma metodologia participativa e dialógica, em que os alunos, organizados em pequenos grupos e assumindo papéis definidos, leem, interpretam e compartilham suas

experiências de leitura. Essa dinâmica, ancorada na abordagem de leitura literária com ênfase na formação do leitor crítico, não se restringe a uma simples técnica de aula, mas se estrutura como um método didático, com objetivos formativos claros e etapas bem definidas.

Durante os círculos, os alunos produzem registros de leitura – seja por meio de diários, fichas ou mapas conceituais – e são incentivados a estabelecer relações entre o texto literário, suas vivências pessoais e os contextos sócio-históricos da obra. Como destaca Jouve (2013, p. 61-62), “a abordagem que parte da relação pessoal do aluno com o texto, confrontando-a com os dados textuais e interrogando as reações subjetivas” permite valorizar a dimensão afetiva da leitura sem perder de vista a análise da materialidade estética e discursiva da obra. Mediante o delineado, trazemos um excerto de um dos livros que foi amplamente debatido em sala de aula, especialmente por focar as características espaciais da região e as táticas de combates empregadas pelos guerrilheiros no período de “inverno” amazônico.

Durante o inverno de 1971, realizamos um treinamento que envolvia todo o nosso pessoal, num total de 19 pessoas, com a participação de dois camaradas da direção do partido [...] Osvaldão escolheu uma área de acesso difícil, devido as enchentes dos rios e por não ser frequentado por caçadores. Era necessário que não fôssemos observados. Utilizamos nossas picadas de emergência, simulando uma retirada. Depois treinamos emboscadas, uma tática muito usada em guerrilhas e que visa surpreender o inimigo, destruir o inimigo e pegar suas armas (Sá, 1990, p. 11).

De acordo com o trecho do livro *Diário de um Guerrilheiros* (Sá, 1990), contextualiza as dificuldades travadas pelos guerrilheiros naquele painel histórico repressivo. Para o trabalho nas oficinas, convidamos os alunos para um aprofundamento do texto, destacando sobremaneira os aspectos do bioma, o linguajar regional e outras características que possibilitassem a identificação dos leitores ao lócus regional. Tais apontamentos tornam-se de fundamental relevância, na medida que capturam a atenção do alunado, primeiramente, por reportá-los para a leitura do mundo que os precede (Freire, 1989). Nesse cenário do livro, tão próximo dos estudantes da UFPA, durante os Círculos de Leituras algumas questões geradoras eram ativadas pelo docente formador: 1) Como os guerrilheiros conseguiram se adaptar a rudeza da região? 2) De que modo disfarçaram as suas particularidades como egressos do meio urbano e universitário? 3) De que maneira faziam a ligação da política nacional com a política local, com vista a despertar a consciência crítica dos camponeses para a luta que almejavam vencer contra o aparato estatal? Ou seja, questões que iam sendo avivadas mediante a leitura do livro e fomentando, por conseguinte, um letramento literário sobre o tema, precisamente, buscando ligar questões históricas e regionais por meio das páginas da obra trabalhada em sala de aula.

Buscando sintonizar com a BNCC (2018) e com as práticas de ensino-aprendizagem, a partir da transcrição evidenciada, realçamos que é orientado o ensino de literatura a abordar obras a partir de diversos contextos sócio-históricos, assim como propor leituras significativas e acesso a várias ferramentas para leitura literária, por exemplo, como ambientes digitais e clubes de leitura. As competências e habilidades almeçadas pela BNCC para o concluinte do curso de Letras, no seu futuro exercício de sala de aula, inclui compreender a linguagem em sua dimensão social, histórica, cultural e ideológica. Igualmente, analisar criticamente manifestações literárias e culturais, assim como refletir sobre a estrutura do texto literário conforme podemos verificar abaixo:

(EM13LP50) Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores e gêneros literários de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam (Brasil, 2018, p. 525).

Ainda, quanto às experiências desenvolvidas na Universidade Federal do Pará (UFPA), reiteramos que o projeto foi concebido a partir da abordagem da pesquisa-ação e operacionalizado por meio oficinas, tendo revelado um potencial formativo e transformador das práticas concernentes ao letramento literário e formação de leitores. Os resultados indicaram o fortalecimento da leitura crítica, a ampliação da competência interpretativa, o desenvolvimento da consciência histórica e social dos participantes, bem como a capacidade de articular experiências individuais e coletivas na produção de sentidos literários.

Torna-se relevante enfatizar o perfil dos estudantes do curso de Letras da UFPA (campus Belém) como sendo marcado por uma expressiva diversidade social, cultural e étnica, fato esse que estimulou aos pesquisadores uma diversidade maior de temas e referências bibliográficas. Registramos que muitos ingressam na graduação com um histórico de leitura restrito, reflexo de trajetórias escolares precárias e de acesso limitado ao livro literário. Por outro lado, há aqueles que trazem consigo experiências leitoras mais consolidadas, adquiridas em clubes de leitura, projetos pedagógicos extracurriculares ou pela formação autodidata oriunda do seu capital cultural familiar.

Partindo desse universo heterogêneo, portanto, consideramos a experiência em curso extremamente profícua, pois ao trabalharmos com o tema da Guerrilha do Araguaia, que ocorreu juntamente próximo do espaço dos estudantes, mobiliza os alunos para um olhar detido da sua própria realidade. Justificamos, pois ao estudarem sobre as vivências regionais durante

e após a Guerrilha do Araguaia, conseqüentemente, acabam refletindo para as suas próprias experiências de vida, podendo, muitas vezes, ancorarem os estudos realizados com testemunhos e lembranças dos seus familiares no transcurso da guerrilha. Igualmente, podem ativar memórias de segunda geração sobre o evento ocorrido, contextualizando, assim, um diálogo profícuo entre o espaço, a memória e a literatura, a partir de suas próprias reminiscências.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (Freire, 1989, p. 09).

Corroborando com as discussões trilhadas, o estudo de Lima e Vasconcelos (2019) oferece dois exemplos emblemáticos dessa realidade formativa. A partir da análise de memoriais de formação, os autores evidenciam que a leitura literária, no contexto universitário, transcende a dimensão acadêmica: ela reconfigura percursos afetivos, promove processos reparadores e desencadeia transformações pessoais e profissionais. Tais formações revelam que, apesar do conhecimento teórico prévio sobre o tema, os alunos ainda demonstram dificuldades em identificar e analisar relações intertextuais de maneira mais aprofundada, o que reforça a importância de estratégias metodológicas que articulem teoria e prática e que, fundamentalmente, reflitam a partir do espaço vivido.

No tocante à pesquisa-ação desenvolvida na UFPA, sugerimos, também, 1) a inclusão do desenvolvimento de grupos de discussão, 2) a realização de análises coletivas de resultados e 3) a utilização de mídias digitais – como podcasts, blogs e vídeos – configurando um ambiente multimodal e interativo. Essas práticas didáticas, ao se alinharem aos princípios da práxis pedagógica freireana, fortalecem a autonomia intelectual dos licenciandos e os posicionam como mediadores culturais e agentes de transformação social em suas futuras atuações docentes.

Dessa forma, a formação do leitor literário no curso de Letras demanda muito mais do que a simples transmissão de conteúdo ou a aplicação mecânica de técnicas isoladas, pois trata-se de uma práxis reflexiva e intencional, construída no constante diálogo entre teoria e experiência, entre texto e mundo, entre leitura e ação socialmente situada. Fechando, a análise, reiterando quanto ao Círculo de Leitura, enquanto metodologia de ensino-aprendizagem, configura-se como uma das ferramentas extremamente potentes desse processo, mas sua

efetividade está diretamente relacionada ao planejamento pedagógico, à mediação qualificada do docente e à capacidade de escuta atenta e sensível às vozes dos alunos.

O desafio colocado à universidade – e, particularmente, aos cursos de Letras – é o de formar professores-leitores éticos, críticos e socialmente comprometidos, capazes de reconhecer, valorizar e ampliar o repertório literário de seus futuros alunos. Mais do que mediadores de textos, esses docentes devem ser agentes de transformação cultural posteriormente na sala de aula, promovendo uma educação literária que seja, simultaneamente, estética, ética e emancipatória.

Considerações finais

O presente artigo resulta de uma pesquisa-ação desenvolvida no curso de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), envolvendo a realização de oficinas formativas com os licenciandos. Essas oficinas tiveram como foco central a promoção do letramento literário, com ênfase na formação de futuros professores-leitores críticos e na valorização da experiência leitora como elemento constitutivo do processo de ensino-aprendizagem da literatura.

A partir dessas vivências, tornou-se evidente que a obra literária precisa ser compreendida não apenas como objeto de análise acadêmica, mas, sobretudo, como uma ferramenta formativa essencial para a construção de sentidos e para a ampliação da compreensão de mundo dos estudantes. As discussões desenvolvidas nas oficinas reforçaram a necessidade de que os futuros docentes sejam capazes de elaborar e aplicar metodologias diversificadas e contextualizadas para a mediação da leitura literária em suas práticas pedagógicas futuras.

Ao discutir a relação entre leitura, letramento, literatura e letramento literário, o artigo enfatiza a centralidade da experiência do aluno com o texto literário e a necessidade de estratégias didáticas que envolvam a construção de sentidos pessoais e subjetivos. O curso de Letras, por sua natureza, deve ser o espaço privilegiado para a formação de docentes que compreendem o valor social e cultural da literatura e, ao mesmo tempo, se tornam mediadores da leitura literária. O letramento literário, portanto, transcende a mera decodificação de palavras e se propõe como um processo que envolve análise crítica, reflexão histórica e cultural, além de uma prática de leitura que se articula com os desafios sociais e ideológicos presentes nas obras literárias.

Ao abordar as teorias e conceitos relacionados ao letramento literário e formação de leitor com obras que versam sobre a Literatura de Testemunho, destacamos a importância de

práticas que valorizem tanto a experiência subjetiva do leitor quanto a análise dos aspectos formais e estruturais da obra. Referências teóricas como as de Cosson (2014), Jouve (2013) e as práticas de leitura propostas por Lima e Vasconcelos (2019) evidenciam que o letramento literário deve ser uma prática que se construa coletivamente, por meio da troca de experiências e da reflexão crítica sobre as leituras realizadas. Isso posto, implica também uma abordagem que contemple a intertextualidade e a possibilidade de releituras, ao mesmo tempo que desafia a compreensão tradicional da literatura como um conhecimento fechado e unilateral.

Retomando o nosso objetivo principal, analisamos o potencial transformador do letramento literário na formação de futuros docentes de Letras, utilizando como eixo central a Literatura de Testemunho relacionada à ditadura civil-militar brasileira, com foco específico na Guerrilha do Araguaia, sobretudo, investigando como essas obras podem fomentar a construção de leitores críticos, conscientes e socialmente engajados no ensino docente. Como resultados, consideramos que o letramento literário também é um caminho para a resistência, especialmente quando abordamos obras que questionam e subvertem padrões sociais, culturais e políticos.

Para fortalecer o letramento literário com vista a formação de leitores críticos, no curso de Letras, é fundamental adotar propostas didáticas inovadoras e práticas que envolvam o aluno em um processo ativo de leitura e reflexão. A criação de espaços de discussão literária, como clubes de leitura e círculos de reflexão, aliados ao uso de recursos digitais, pode enriquecer o processo de formação de leitores críticos. Além disso, é essencial que os professores adotem uma abordagem plural e diversificada na seleção de obras, contemplando diferentes vozes e perspectivas, e incentivem os alunos a não apenas ler o texto sem compromisso, mas precisamente se apropriar dele de maneira crítica e transformadora.

O letramento literário é concebido como um tipo singular de letramento, distinto dos outros, por conduzir ao domínio e uso de textos literários na escola, formando leitores para além de um uso meramente funcional ou informativo. Contudo, os cursos de licenciatura em Letras, em grande parte, enfrentam desafios ao articular conhecimentos teóricos da literatura com a experiência pessoal e subjetiva de leitura dos alunos, muitas vezes priorizando o saber acadêmico e formal em detrimento da vivência com a obra literária. A formação do futuro professor de literatura requer não apenas o conhecimento de obras e autores, mas principalmente ter vivenciado intensamente a experiência leitora.

Portanto, é fundamental que o ensino superior, especialmente os cursos de Letras, ofereça metodologias e práticas que promovam o contato direto e constante com o texto

literário, valorizem as leituras subjetivas, a educação estética e artística da literatura, bem como preparem os futuros docentes para serem mediadores que instiguem o prazer e a fruição da leitura, superando a visão de que a literatura é apenas uma disciplina a ser estudada ou resumida.

Referências

- ALVES, João Paulo Costa; FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo. A Guerrilha do Araguaia: recepção crítica num percurso histórico. *Revista Querubim – Revista Eletrônica de Trabalhos Científicos nas Áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, ano 21, v. 3, n. 55, p. 47-54, fev. 2025. DOI: <https://doi.org/10.51949/rq.v3i55>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/querubim/issue/view/3168/1063>. Acesso em: 01 jul. 2025.
- BOBERG, Hiudeá Tempesta Rodrigues; STOPA, Rafael. *Leitura Literária na sala de aula: propostas de aplicação*. Curitiba: CRV, 2012.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BRASIL. *Lei nº 6.683*, de 28 de agosto de 1979. Concede anistia e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16683.htm. Acesso em: 01 jul. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 01 jul. 2025.
- BUCCINI, Luciana Mara Torres; MACHADO, Maria Zélia Versiani. Literatura no Enade e a formação literária nos cursos de Letras. *Estudos em Avaliação Educacional*, São Paulo, v. 33, e09087, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18222/eae.v33.9087>. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/eae/v33/0103-6831-eae-33-e09087.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2025.
- BRUM, Liliane Haag. *Antes do Passado: o silêncio que vem do Araguaia*. Rio Grande do Sul: Arquipélago, 2012.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. 4. reimpr. São Paulo: Contexto, 2014.
- COSSON Rildo. *Como criar círculos de leitura na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2023.
- COSTA, Dagoberto Alves da. *Memórias do Araguaia: depoimento de um ex-guerrilheiro*. Santo Amaro: Cepe Editora, 2018.
- DELEUZE, Gilles; GATTARI, Felix. *Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia)*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo. Literatura do testemunho: a literatura da era das catástrofes. *EntreLetras*, Araguaína, v. 11, n. 1, p. 7-27, 2020. DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2179-3948.2020v11n1p7>. Disponível: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreltras/article/view/8333/16692>. Acesso em: 19 dez. 2025.
- FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo. Os 50 anos da Guerrilha do Araguaia e os reflexos da luta política. *Revista Escritas do Tempo*, Marabá, v. 4, n. 11, p. 8-29, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47694/issn.2674-7758.v4.i11.2022.0829>. Disponível em:

<https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1883/862>. Acesso em: 01 jul. 2025.

FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo. A Comissão da Anistia como arma da memória: construção, rupturas e tentativas de institucionalização. In: Figueiredo, César Alessandro Sagrillo; Carvalho, Márcio José Rosa de; Gonçalves, Israel Aparecido (org.) *Ditadura Civil-militar brasileira (1964-1985): ruptura institucional e reflexos dos 21 anos do período ditatorial*. João Pessoa: *Periodicojs* Editora, 2024. p. 80-101.

FIGUEIREDO, César Alessandro Sagrillo; GOMES, Irene. Camponeses atingidos pela Guerrilha do Araguaia: os limites institucionais da comissão de anistia. *Sillogés*, [S.l.], v.3, p. 248-271, 2020. Disponível em: <https://historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/silloges/article/view/124/107>. Acesso em: 18 dez. 2025.

FRANCO, Renato. Literatura e catástrofe no Brasil: anos 70. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.) *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora UNICAMP, 2003. p. 355-374.

FREIRE, Paulo. *A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRABOIS, Victória L. *Maurício Grabois: meu Pai*. Rio de Janeiro: Hexis, 2012.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1996.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

KLEIMAN, Angela. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Angela. B. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2014. p. 15-61.

LIMA, Sheila Oliveira. Experiência leitora e formação docente no curso de Letras: articulações entre saberes e práticas para o ensino de literatura na educação básica. *Clarabóia*, Jacarezinho, n. 20, p. 345-370, jul./dez. 2023. Disponível em: <https://periodicos.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/1122/pdf>. Acesso em: 01 jul. 2025.

LIMA, Priscila Sandra Ramos de; VASCONCELOS, Sandra Maia Farias. Práticas de leitura de alunos do curso de Letras reveladas em seus memoriais de formação. *Itinerarius Reflectionis: Revista Eletrônica de Graduação e Pós-Graduação em Educação*, Jataí, v. 15, n. 4, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5216/rir.v15i4.60232>. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/60232/34495>. Acesso em: 01 jul. 2025.

MALDONADO-TORRES, Nelson. *Sobre a colonialidade do ser: contribuições para o desenvolvimento de um conceito*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.

MARCO, Heloísa Toller Gomes. *Literatura e resistência: ensaios*. São Paulo: Edusp, 2004.

MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de estado. *Lua Nova*, [S.l.], n. 62, p. 45-68, 2004.

- MIGNOLO, Walter; WALSH, Catherine. *Pensamento decolonial: fundamentos, genealogias e reflexões*. São Paulo: Editora Vozes, 2018.
- MOURA, Anízia Barbosa de; SOUZA, Marília Costa de; SILVA, Maria Lucas. A construção do hábito da leitura no ensino superior: uma pesquisa de campo no curso de Letras da FVJ. *Educação & Linguagem*, [S.l.], ano 3, n. 2, p. 23-35, dez. 2016. Disponível em https://www.fvj.br/revista/wp-content/uploads/2017/06/3_EDUC_20162.pdf. Acesso em: 01 jul. 2025.
- PROENÇA FILHO, Domício. *Introdução à poética*. Rio de Janeiro: Ática, 1990.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. CLACSO, Buenos Aires, 2005. p. 107-130. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf. Acesso em: 01 jul. 2025.
- REIS, Carlos. *O Conhecimento da Literatura: introdução aos estudos literários*. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2013.
- SÁ, Glênio Fernandes de. *Araguaia: relato de um guerrilheiro*. São Paulo: Anita Garibaldi, 1990.
- SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André du Rap). *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 31, p. 284–303, jul./dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.12957/Matraga>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22610>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.
- SELLIGMANN-SILA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. *Proj. História*, São Paulo, [S.l.], v. 30, p. 71-98, jun. 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2255>. Acesso em: 18 dez. 2025.
- SELIGMANN-SILVA. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2022.
- SILVA, Adriane Alves da; PAN, Miriam Aparecida Graciano de Souza. Letramento e formação docente: uma análise da literatura. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 38, e26784, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-469826784>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/jNZQjXxqhRsQ5QGdQH6CmCs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 jul. 2025.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SOUZA, Dalma Flávia Barros Guimarães de. *Letramento literário: a escola como espaço privilegiado para formação de leitores*. 2015. 133f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.
- SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. Presidente Prudente: UNESP, s/d. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2025.
- WISNEKY, Joao Carlos. *Diário do Araguaia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2019.

YUNES, Eliana. Pelo avesso: a leitura e o leitor. *Revista Letras*, Curitiba, v. 44, p. 185-196, 1995. DOI: <https://doi.org/10.5380/rel.v44i0.19078>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19078/12383>. Acesso em: 01 jul. 2025.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Global, 2012.

Recebido em 02 de julho de 2025

Aceito em 27 de dezembro de 2025